

ATHOS DAMASCENO E A ESCRITA DE UMA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL

Athos Damasceno and the writing of a garment history in Rio Grande do Sul

Figueiredo, Joana Bosak de; Dra.; UFRGS; joanabosak@gmail.com

Resumo

O artigo que se segue é parte dos resultados parciais do projeto de pesquisa desenvolvido junto ao Bacharelado em História da UFRGS, que trata da figura do escritor e pesquisador sul-rio-grandense Athos Damasceno Ferreira como historiador da arte e crítico da cultura. Este texto pretende avaliar o pioneirismo do seu estudo “Apontamentos para o estudo da indumentária no Rio Grande do Sul”, de 1957.

Palavras-chave: Athos Damasceno, história, historiografia, indumentária, Rio Grande do Sul, arquivo

Abstract

This article is part of partial results of the research project that take place in the course of Art History at UFRGS, and claims the role of Brazilian rio-grandense researcher Athos Damasceno Ferreira as art historian and critic of the culture. The text intends to evaluate his avanguard study "Apontamentos para o estudo da indumentária no Rio Grande do Sul", wrote in 1957.

Keywords: Athos Damasceno, history, historiography, garment, Rio Grande do Sul, archive

Introdução

Athos Damasceno Ferreira nasceu em 1902 em Porto Alegre, onde viveu por toda a vida até 1975, data em que falece. Ao longo de quase todo o século XX dedicou-se ao estudo da formação cultural de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, em análises que priorizavam o século XIX. Segundo o amigo Guilhermino Cesar, espécie de primeiro biógrafo, Athos Damasceno é o responsável pela “maior escrita por um homem só sobre a capital do Rio Grande do Sul” (*apud* PAPALÉO, p. 363). “Sujeito-signo”, segundo Maria Beatriz Papaléo, autora da primeira tese sobre Damasceno, em que analisava a obra literária; o poeta é responsável por nos brindar com “a representação de um passado desprovido de brilho e magnificência, retratado muito mais em seus aspectos hilários, pitorescos e ingênuos” (PAPALÉO, p. 362). Para a autora, Damasceno é o responsável,

através de sua poesia, de um "inventário popular da cidade", posto que era um "artífice minucioso do cotidiano" (Ibidem).

Jornalista, cronista dos costumes, crítico e historiador de arte, historiador da imprensa e da cultura do Rio Grande do Sul, Athos Damasceno deixou um arquivo pessoal, hoje depositado no Instituto Histórico e Geográfico, em que se pode reconstruir sua trajetória como estudioso heróico da cultura do sul do Brasil.

Citado em inúmeros trabalhos e artigos acadêmicos na área de Artes Visuais, principalmente naqueles que se referem a artistas do século XIX, Athos Damasceno tem sido estudado, como crítico e mesmo historiador, mas no âmbito dos estudos de literatura (PAPALÉO, 1996, 2001) e da escrita da história (CORREA DA SILVA, 2011, 2012), aparecendo como referência, mas nunca como objeto em produções acadêmicas voltadas à teoria, à crítica e à historiografia em artes ou em cultura visual.

Tal ausência causa surpresa, já que o autor é o responsável pela primeira história das "Artes Plásticas no Rio Grande do Sul", de 1971, livro em que marca a fundação das artes visuais no estado em 1755, durante o nebuloso período colonial - em que questões fronteiriças "deslocam" o território do Rio Grande do Sul permanentemente -, vindo até o ano de 1900, já na República Velha. Ademais dessa publicação, cabe ressaltar "Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no século XIX", de 1962, em que percebe as disputas de poder e mesmo a apropriação do momento histórico - uma espécie de "história imediata" do período - através das imagens das caricaturas presentes em uma verdadeira "guerras de imagens" no jornais humorísticos, satíricos e literários do Rio Grande do Sul do século XIX.

"Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX" também se ocupa de analisar os espaços teatrais e musicais da capital durante o Oitocentos. Numerosos volumes da série "Fundamentos da Cultura Rio-Grandense", publicados pela antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS, nos anos 1950 e 1960, contaram com sua colaboração, nas quais escreveu sobre os viajantes estrangeiros, sobre a imprensa e mesmo sobre a indumentária no Rio Grande do Sul.

O amplo apelo que as diversas formas da cultura material, imaterial e visual do Rio Grande do Sul tiveram sobre este estudioso permitem vê-lo num escopo maior, de humanista, de crítico da cultura.

Sendo assim, nos parece urgente a produção de um estudo que se detenha na produção crítica e historiográfica deste cronista, poeta, tradutor e jornalista face à cultura visual e a indumentária. Portanto, o presente artigo pretende contribuir com a escrita de uma historiografia da indumentária do Rio Grande de Sul de maneira específica.

As fontes documentais a serem utilizadas nesta pesquisa são, fundamentalmente o ensaio "Apontamentos para os estudo da indumentária no Rio Grande do Sul", publicado em 1957, pela Faculdade de Filosofia da UFRGS e obras do autor, o seu acervo pessoal, onde se encontram anotações, pesquisas, correspondência, imagens; enfim, um arquivo riquíssimo do autor que ainda não foi explorado.

Objetivos

Esta pesquisa tem por objetivo geral estabelecer o estudo sistemático de Athos Damasceno Ferreira como crítico da cultura, e mais especificamente, como crítico da cultura visual no Rio Grande do Sul. A quantidade e a variedade de suas pesquisas e escritos, seja em livros em que participou como autor ou colaborador e no jornal Correio do Povo, onde travou importante disputa em torno do conceito de "regionalismo" com o escritor Vargas Netto (CORREIA DA SILVA, 2012) e o seu notório interesse por artes visuais - entre elas a fotografia e a cultura material, exemplificada por seu estudo inaugural sobre indumentária - permitem identificar Athos Damasceno como um pesquisador dotado de grande erudição e de incrível poder de síntese da realidade e da história do Rio Grande do Sul.

O seu interesse pelas imagens, fossem elas caricaturas de imprensa, roupas e têxteis ou esculturas missioneiras e a obra de pintores como Pedro Weingartner, atestam um papel fundador de historiador da arte e da cultura visual no cenário de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

Entre os objetivos específicos, tem-se a proposta de estabelecer dentro do acervo pessoal de Athos Damasceno aquilo que ficou de fora de suas publicações. Uma breve visada nas pastas sobre artistas, sobre música e nas anotações que se encontram no IHGRGS permitiram que se percebesse o quanto o pesquisador ainda tinha de material inédito, inferindo-se daí, que outras publicações viriam posteriormente e acabaram não acontecendo em função de sua morte, aos 73 anos.

Reitera-se, igualmente, o objetivo maior de analisar e mesmo criar uma escrita da historiografia da arte e da cultura visual no Rio Grande do Sul a partir da obra de Athos Damasceno Ferreira.

Metodologia

O que se buscará empreender é a leitura comparada das obras publicadas e de seu acervo pessoal, fazendo a análise de seus manuscritos em cotejo com as obras publicadas na crítica jornalística e em livros, notadamente os da Coleção Província, da Editora Globo.

Portanto, uma pesquisa minuciosa das fontes primárias deixadas pelo pesquisador, constantes de seu acervo pessoal fazem-se fundamentais, mais do que necessárias. Além disso, será necessário estabelecer contato com sua obra crítica publicada no jornal *Correio do Povo*, que se encontra na íntegra no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

O levantamento de seus escritos e o estabelecimento da organização dos escritos deixados e não publicados também farão parte da pesquisa, que levará em conta anotações, cartas, recortes de jornais e todo o tipo de material encontrado nas pastas constantes do acervo pessoal, ainda não totalmente identificado.

Sobre “Apontamentos para o estudo da indumentária no Rio Grande do Sul”

No artigo “Apontamentos para o estudo da indumentária no Rio Grande do Sul”, publicado em 1957, em uma separata da coleção *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, publicada em revista pela Faculdade de Filosofia da então Universidade do Rio Grande do Sul (atual UFRGS), entre os anos 1950 e 1960, parece ser um representante bastante específico do estado da arte em termos de historiografia da indumentária à época, no Brasil.

Ao longo do texto, que tem em seu total trinta páginas, o autor discorre sobre as indumentárias dos primeiros habitantes - os indígenas de diversas nações, como mbiá-guaranis e charruas - assim como os pioneiros da imigração no Rio Grande do Sul, do século XVIII à meados do século XIX. O mais interessante aí é que não inclui nem os imi-

grantes italianos - chegados à província a partir dos anos 1870 -, nem tampouco enfatiza o chamado “gaúcho” histórico ao qual à indumentária “típica” gaúcha construída pelo Movimento Tradicionalista se refere -, e menos ainda às modas citadinas do século XIX, onde em cidades vizinhas como Montevideu e Buenos Aires já era possível perceber-se a presença de casa de alta-costura, conforme estudo de Susana Saulquín (SAULQUÍN, 2006).

Portanto, parcela significativa do que constitui a “história da moda” assim reconhecida em relação ao Rio Grande do Sul não se confirma nesse estudo pioneiro. As fontes de Athos Damasceno são, de maneira geral, fontes orais não especificadas e os relatos dos diversos viajantes que pela província passaram entre finais do século XVIII e meados do XIX, e isso talvez explique a não existência de exemplos urbanos: além de extremamente limitadas e incipientes, as cidades rio-grandenses não acompanhavam “as modas” europeias.

Mas o que causa maior espanto é a pouca ênfase a referências a itens tidos como verdadeiros clássicos da indumentária rio-grandense ou mesmo “gaúcha”: o poncho e a bombacha, reconhecidos como itens fundamentais do vestuário do gaúcho do Cone Sul (ver ZATTERA, 1999 e EL PONCHO, 2002) e do Rio Grande do Sul (FAGUNDES, 2001).

A grande questão que se colocou foi: o que explica essa ausência de ênfase? Foi a questão das fontes ou o recorte? Ou ainda mais: qual o momento que determina a entrada em cena desse vestuário tido como “típico” do Rio Grande do Sul reconhecidamente? Ou mais: foi o trabalho efetivo de mitificação do gaúcho que levou à consolidação desse modelo indumentário?

Além das questões acima levantadas outra reflexão que foi feita diz respeito à atenção dispensada tanto à indumentária indígena quanto à negra. Esperava-se já encontrar-se referências e mesmos as descrições que efetivamente são feitas das indumentárias açoriana e alemã, como a seguir, sobre os primeiros:

Chapéus de feltro de Verdã, Bardá e Segovia, ferragoilos e saltimbarcas, marlotas e roupetas, gibões de bom pano e casacos com guetos de seda, coletes de belbute e calções de baeta, flexíveis botas de couro de veado e rasos sapatos guarnecidos de fivelas, e vasquinhas rodadas e saias rabilongas de mangas perdidas, anáguas e roupetilhas, meias de sarja e piugas de lã, chapins e bolinas valencianas de veludo morado e mantos franjados, toucados de melcochado com forro de setim e esvoaçantes véus de tafetá-rosa com fios dourados e prateados e ainda orelheiras e escudos, pensamentos e memórias, arrecadas de ouro com pernas de aljofre e pingentes oscilantes, cadeias e broches, pulseiras e rosários, gargantilhos e crucifixos e outros indumentos e adereços que, então, aqui se encontrassem por acaso, não significavam afinal mais do que saudosos restos de outrora, arruinadas sobras do passado, com o qual os seus donos, já inteiramente ruralizados, isto é, transformados em membros de uma tosca e desataviada sociedade agrícola, pastoril e também militar, haviam cortado relações.

FERREIRA, Athos Damasceno. “Apontamentos para o estudo da indumentária no Rio Grande do Sul”, p. 72.

Cabe ressaltar aqui que essas foram as vestes faustosas que o autor não mais reconhecia por essas paragens. Teria sido o passado longínquo de uma riqueza já não mais existente, posto que ao aqui chegarem, os açorianos, primeiros colonizadores “europeus” inseridos no Continente do Rio Grande, já eram, então, nos idos 1737 (data de fundação do Presídio de Jesus Maria e José, entreposto fortificado, situado na atual cidade de Rio Grande, que deveria guarnecer e receber navios a caminho do porto de Buenos Aires, o grande alvo comercial da época) e até 1772 (data da fundação do Porto dos Casais, atual cidade de Porto Alegre) os tais “membros de uma tosca e desataviada sociedade agrícola, pastoril e também militar” (FERREIRA, 1957, p. 72, acima citada). Assim vejamos que segunda as fontes utilizadas por Athos Damasceno:

Os panos, pois, que aqui circulavam, de um modo geral não ultrapassavam jamais o *baratinho* e oscilavam apenas entre o pifio pardinho e a reles saragoça, o burel encorpado e a chita modesta, o brim encolhedor e o linho áspero, o duraque espesso e a ganga felpuda.

FERREIRA, Athos Damasceno. “Apontamentos para o estudo da indumentária no Rio Grande do Sul”, p. 76.

Com o que, finalmente, os viajantes se deparam, no Rio Grande do Sul, é uma situação inversa: tecidos rústicos e mal feitos, roupas simples e mal cosidas; ausência de uma indústria têxtil que desse conta dessa nova população. A Real Feitoria do Linho Cãhamo, citada pelo autor, fundada nos idos 1788, às margens do Rio dos Sinos; não chega a desenvolver-se de fato, e em 1822 já está em franco declínio. Em 1824, as instalações do que fora a antiga fábrica, primeira na história do Rio Grande do Sul, serve de acomodação aos primeiros imigrantes germânicos vindos para a colônia que homenageava a Princesa Leopoldina (FERREIRA, p. 77).

Mas o grande destaque na atenção de nosso cronista se dá específica e especialmente em relação à vestimenta negra:

A tradição oral, no Rio Grande, é rica de revelações acêrca dessas graças alcançadas por meio de *coisas feitas e despachos* manipulados em batuques e macumbas. E até por ocasião dos divertidos *candomblés* — festividade do culto fetichista dos negros a que, segundo Catão Coelho, as *damas (crioulas)* se apresentavam no rigor da *moda africana* — grande *trunfa* na cabeça, muito *alva e rendada*; no *pescoço* — *colares e miçangas variadas e brilhantes*, o mesmo nos *pulsos*; o *decote dos corpetes* bem grande, todo *coberto ou franjado de vistosas rendas tão alvas como a neve*; a *saia curta* quanto deixasse ver os *pés dentro dos chinelinhos todos enfeitados de fitas e topes, que chamavam a atenção.*

FERREIRA, Athos Damasceno. “Apontamentos para o estudo da indumentária no Rio Grande do Sul”, p. 86.

O autor enfatiza a simplicidade das vestes açoritas, sempre feitas em tecidos rústicos e pobres, cópias precarizadas de algo visto na sua Europa natal. Evidentemente que esses imigrantes já vinham de uma cultura indumentária “defasada” ou, ainda, periférica, em função de sua origem social - pequenos agricultores - e geográfica - insular, distante ao mesmo tempo da costa africana e da portuguesa.

Ao mesmo tempo, pelo excerto acima colocado, vemos a indumentária das negras alforriadas - as quitadeiras -, como as vestes que efetivamente farão a “diferença” no discurso indumentário do Rio Grande de São Pedro.

De toda forma, o que chama a atenção no texto de Athos Damasceno Ferreira, além da atenção dada ao tema, já nos anos 1950, é o caráter divergente da cultura imposta até e a partir de então: tanto o gaúcho histórico não era enfatizado, como o gaúcho retomado pelo tradicionalismo também não era ainda inserido como agente ou mesmo sujeito representativo. Ainda: o elemento negro, principalmente a negra, é analisado como o grande representante de uma “moda”, ou, melhor, de um “estilo” próprio e mais sofisticado, contrariando ou poucos estudos posteriores que se seguiram, como os já citados, de Antonio Augusto Fagundes - cujo interesse reside no gaúcho tradicionalista, sem nenhum tipo de retomada de fontes históricas -, assim como os estudos de Vera Stédile Zattera, que busca retomar, em uma iconografia baseada em imagens dos século XIX, a indumentária “tradicional” do entorno aumentado do Rio da Prata, o Cone Sul, mas que enfatiza a veste do gaúcho através das invariantes - para a autora - poncho, chiripá e bombacha.

Considerações Finais

O estudo aparentemente despretensioso de Athos Damasceno sobre a indumentária no Rio Grande do Sul do final do século XVIII e no decorrer do XIX nos permite, penso eu, ir muito além das questões específicas ligadas ao mundo das roupas, dos tecidos, de uma política das aparências (SAULQUÍN, 2014), de um estilo próprio desenvolvido por seus açorianos pobres, por suas negras sofisticadas.

O ensaio, modestamente intitulado “Apontamentos para o estudo da indumentária no Rio Grande do Sul”, tem problemas. Não cita com exatidão suas fontes escritas e orais. Para no tempo muito antes do que esperávamos e gostaríamos. Não toca no tema em seu local privilegiado: as cidades. Deixa, portanto, o pesquisador, o historiador, com aquele rostinho de quero mais, já que não há outro estudo do gênero - até hoje!

Mas, e muito importante, Athos Damasceno, nesse texto “secundário” dentre sua produção de maior fôlego e igualmente pioneira sobre as Artes Plásticas, a caricatura, a imprensa e os espetáculos de maneira geral - como em *Palco, Salão e Picadeiro*, de 1959 -, podemos perceber o quanto se pode questionar a historiografia tradicional - embora muitas vezes mais recente - que nos chega às mãos pode ser reinterpretada à luz de “novos” objetos. Digo “novos”, embora o texto seja de 1957, porque justamente talvez o tema eleito então por Athos Damasceno não fosse digno de ser chamado de “estudo” por gerações de historiadores, tanto que esse texto não foi até o momento referido academicamente em trabalhos de conclusão de curso e especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Foi necessário que mais de cinquenta anos se passassem para que a indumentária se tornasse “objeto” digno desse nome para que esse estudo, repleto de falhas, mas extremamente inovador justamente pelo olhar do pesquisador, que, atento à vida social tem a possibilidade de perceber o tema como revelador da teia de relações históricas; pudesse efetivamente, passar a ser estudado isoladamente e na relação com seus estudos.

As “Considerações Finais” aqui expostas de maneira alguma dão conta dos resultados aos quais se pode chegar na análise do texto proposto. Fazem parte de um estudo maior, mas permitem que se chegue à especificidade de um tema ainda não suficientemente explorado e que re-volta toda uma tradição de escrita da história do Rio Grande do Sul.

Athos Damasceno, em seus estudos “periféricos” persegue a vida como ela é, em suas minúcias terrenas, do comer ao divertir-se, do festejar ao informar-se, do bailar ao vestir-se. Como intelectual à frente do seu tempo, o autor já sabia que nem toda a história se faz de mito e de grandeza, mas de pontos e linhas, nós e botões - com algumas miçangas e turbantes para dar cor e alegria.

Bibliografia

BOHNS Neiva Maria Fonseca. Continente improvável. Artes Visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX. Tese de Doutorado em Artes Visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

CORREA DA SILVA, Gabriela. Da ficção à história: a escrita da História de Athos Damasceno Ferreira (1940 - 1974). Anais eletrônicos do XI Encontro Estadual da APNPUH 2012. Rio Grande: FURG, 2012. Disponível em: http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1344882953_ARQUIVO_Anuhertextofinal.pdf, acessado em 23 de outubro de 2013, às 22:43.

CORREA DA SILVA, Gabriela. O regionalismo sul-rio-grandense de Athos Damasceno Ferreira e sua polêmica com Vargas Netto (1932). Trabalho de Conclusão de Curso em História. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

EL PONCHO - Arte y tradición. Catálogo de la Mega-exhibición “El Poncho, Arte y Tradición”, realizada no Museu de Artes Decorativo em outubro/novembro de 2001. Buenos Aires: Vega & Eguiguren, 2002.

FAGUNDES, Antonio Augusto. Indumentária gaúcha. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2001.

FERREIRA, Athos Damasceno. Apontamentos para o estudo da indumentária no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia/UFRGS, 1957.

_____. Artes plásticas no Rio Grande do Sul. (1755 - 1900) - Contribuição para o estudo do processo cultural sul-rio-grandense. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

_____. Imprensa Caricada do Rio Grande do Sul no século XIX. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

_____. Imprensa Literária de Porto Alegre no século XIX. Porto Alegre: Edições UFRGS, 1975.

_____. Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

_____. Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX. Contribuição para o estudo do processo cultural do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1959.

PAPALÉO, Maria Beatriz. Athos Damasceno Ferreira: Rivarol na Província. Tese de Doutorado em Letras. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

_____. Athos Damasceno Ferreira: Rivarol na província. In: INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo. Discurso, memória, identidade (org.). Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 361 - 369.

RAMOS, Paula Viviane. A experiência da modernidade na secção de desenho da Editora Globo: Revista do Globo (1929 - 1939). Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

RAMOS, Paula Viviane. Artistas ilustradores: a editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna através da ilustração. Tese de Doutorado em Artes Visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SAULQUIN, Susana. Historia de la moda argentina. Del miriñaque al diseño de autor. Buenos Aires: Emecé, 2006.

_____. La política de las apariencias. Inédito. Buenos Aires, 2014.

ZATTERA, Vera Stédile. Cone Sul. Adereços indígenas e vestuário tradicional. Argentina - Brasil - Chile - Paraguay - Uruguay. Porto Alegre: Pallotti, 1999.

_____. Iconografia do Gaúcho no século XIX. Brasil - Argentina - Uruguai. Porto Alegre: Pallotti, 2002.